

A acompanharmos a tradição grega teremos de dizer que, assim como Marselha é filha de Focéia por ter sido fundada por focenses, deve Campinas intitular-se filha de Taubaté por dever a sua fundação a Francisco Barreto Leme ao fazer este taubatéano em 1799 a doação de gleba patrimonial chamada do Mato Grosso. Filha de Taubaté e, a seu turno filha de São Paulo por Jaques Felix, fundador da vila de São Francisco das Chagas de Itaboa. Filha de Taubaté, já Campinas, mas colonizada por gente de Itú, sobretudo aquele rincão magnífico do Mato Grosso de Jundiá, cerradíssima floresta das mais belas essências vicejando gloriosamente para atestar a uberdade do mais generoso massapé, do famoso massapé campineiro a futura terra de promissão do café brasileiro, em meados do século XIX.

Parece à primeira vista exquisito que Campinas haja surgido atrasada em relação às demais vilas paulistas, quase século e meio após às tão próximas, São Paulo e Itú, atrasada de Jundiá de três quartos de século, e de Atibaia.

Foi preciso que se estabelecesse a grande via sertaneja do Caminho dos Goiaes para que os povoadores comessem a aproveitar-se de tão dádioso solo de mata opulenta do Mato Grosso de Jundiá.

Retardada em seus primórdios, em curto lapso, recuperava Campinas a posição de seu pujante reclamo de lugar privilegiado no centro na capitania de São Paulo.

Desceram os ituanos de sua gleba açucareira, já bem trabalhada desde os princípios do século XVII para terras mais férteis de que as suas, muito embora o massapé virgem que iam arrotear prosseguisse por Itaipu e desse um esgalho rico nas vizinhanças de sua vila no Pedregulho.

Esta colonização de ituanos cada vez mais considerável se agruparia, como tanto é sabido, em torno de humilde ermida erecta em honra da Senhora da Imaculada Conceição onde já em 1773 celebraria Frei Antonio de Pádua, franciscano a missa inicial dos fastos católicos campineiros.

A piedade dos colonizadores dentro em breve faria com que a modestíssima igreja desse lugar a um templo muito mais consentâneo da prosperidade de seu distrito em 1781, quando Fr. José do Monte Carmelo Siqueira o benzeu e, como cura de nova freguesia, celebrou a primeira missa paroquial.

Continuava porém o afanoso interesse dos lavradores pela terra generosa onde a cana vicejava maravilhosamente. E atrás da cana vinham os homens e de tal modo que a 16 de Novembro de 1797 podia o Capitão General Antonio Manoel de Mello e Castro e Mendonça elevar a freguesia de Nossa Senhora da Conceição à categoria de vila, dando-lhe o nome de São Carlos em homenagem à princesa do Brasil, esposa do herdeiro presuntivo da coroa das quinas e dos castelos.

Prosseguiria a nova vila em sua extraordinária carreira ascensional. E de tal temos o mais eloquente documento na palavra de um ilustre depoente em 1819, Luiz d'Alincourt em sua viagem de Santos a Cuiabá em 1819.

Vindo de Jundiá a Rocinha, a Engenho Seco, dois dias depois atingiu o Sargento-Mór do Real Corpo de Engenheiros ao vale das fazendas do Coronel Luiz Antonio de Souza, brevemente brigadeiro e o mais rico vassallo que o Sr. D. João VI contava em sua capitania de São Paulo.

Pouco adiante destes engenhos do grande capitalista e agricultor avistou d'Alincourt São Carlos de Campinas situada em alegre planura.

Extraordinários o movimento e o progresso que animavam a então capital do sertão paulista.

Tinha em 1797, ao ser criada vila, pequenino número de moradas de casas; e, no entanto, contava em 1818, nada menos de seis mil habitantes, aglomerados. Bem arruada, viam-se contido ainda, em suas vias públicas, grandes terrenos baldios, murados. Só se contava um sobrado na vila, em grande destaque, no meio de casas baixas e geralmente de taipa e telha vã.

Causava impressão a cadeia, "pequeno edifício velho com grades de pau". A casa da Câmara, esta apresentava-se melhor. "Uma grossa estaca de madeira, toscamente lavrada com a Era em que fora erecta a vila, formava o Pelourinho, fincado ao centro do largo da Matriz".

Quanto à igreja matriz, esta se achava "bastantemente arruinada". Déclino vigário da localidade, o padre Joaquim José Gomes desde muito servia — vinte e dois anos. "Homem muito cuidadoso dos deveres, tinha alguns conhecimentos além dos que eram privativos do seu ministério". Já se projetava edificar um bom templo.

Parecia Campinas uma terra de eldorado; dava o açúcar imenso; exportava o termo nada menos de cem mil arrobas, anualmente. Sessenta engenhos contavam-se dos quais quinze movidos por força hidráulica.

O mais opulento proprietário do distrito vinha a ser o já mencionado brigadeiro Luiz Antonio de Souza Macedo e Queiroz, "homem ajudado pela fortuna de modo espantoso e possuidor de uma das mais sólidas casas do Brasil".

Só em Campinas lhe pertenciam dezesseis engenhos; chegara um deles, em 1817, a render a soma de nove contos de réis! — coisa que a todos pasmava. Sabia-se que a renda de sua casa andava em oitenta mil cruzados anuais (32 contos de réis), o que representaria hoje, talvez mil vezes mais, dada a diferença da capacidade aquisitiva da moeda. Jamais fabricara menos de trinta mil arrobas de açúcar, mesmo nos piores anos.

Ao lado deste Cresco diversas pessoas possuíam "casas de bons fundos". Assim o Coronel Francisco Antonio de Souza, irmão do brigadeiro e pai de Francisco Ignacio de Souza Queiroz e de "Bernarda", que em cinco engenhos, fabricava de dez a doze mil arrobas; o sargento-mór Floriano de Camargo Penteado, que, com dois engenhos, chegava a oito mil; o Capitão Theodoro Ferraz Leite, com três a quatro mil, "e outros muitos deste lote".

Podiam-se contar, pelo menos vinte engenhos produzindo três mil arrobas, cada um, e dando enormes proventos.

De Campinas recebeu Luiz d'Alincourt a mais agradável das impressões. Jamais vira lugar no mundo onde tão vivamente ressaltasse a sensação do progresso impetuoso; era como um pedaço de far-west norte-americano implantado no sertão brasileiro, cuja vida borbulhante tanto contrastava com a modorra colonial de todo o Brasil.

"São grandes as proporções que tem S. Carlos para ser uma vila opulenta; além da admirável posição que ocupa, e da fertilidade do terreno, respira-se ali um ar puro, goza-se de um clima sadio e de belas águas; igualmente ainda se não tem conhecido uma só moléstia endêmica."

A fertilidade do solo — deste famoso massapé que tão galhardamente se mantém até aos nossos dias, quase sem adubo — esta era simplesmente prodigiosa.

"Apesar do grande número de arrobas de açúcar que se extraem de Campinas, a cultura desse fertilíssimo e delicioso país deve reputar-se nascente". Havia, além de tudo, ainda extensões a perder de vista desabitadas. "Ainda há léguas e léguas de terrenos inteiramente cobertos de mata virgem; e o mesmo se vê em muitas sesmarias, que deixam de ser cultivadas, pela falta de força de seus donos."

Enorme a abundância dos gêneros exportados do distrito; além do açúcar, cujo valor, corrente era, em 1817, por arroba, quatro patacas, ou 15230 réis preço este que deixava enormes margens aos produtores, pelo fato de empregarem o braço escravo e tirarem do solo, ubérrimo, safras enormes.

Dos diversos bairros da vila, o que se afirmava possuir melhores terras era o de Anhumas, detentor da "primazia, entre os mais, para dita plantação. Basta dizer-se que há perto de sessenta anos que recebe planta, sem que tenha sido preciso deixar-se o terreno em descanso, por se não conhecer o menor abatimento na produção: tal é a sua força!"

Outra grande vantagem de Campinas: estava indene de um dos três grandes flagelos que, na opinião de um preto baiano, ao Brasil perseguiram atrozmente: mofo, formiga e preguiça, ao par de um patriotismo feroz. "Tem o terreno todo de Campinas a grande vantagem de não ser minado pelas formigas, que são fatais às plantas em outros muitos lugares da Província", afirma o sargento-mór itinerante.

Reproduz d'Alincourt uma tabela de preços de viveres, corrente então no distrito; pagava-se ali o alqueire de milho a 160 rs., o de feijão a 400, o de arroz a 320. Porcos de quatro arrobas valiam 38200 rs. e as galinhas apenas quatro vinténs. Não deixam, sempre, de ser interessantes estas tabelas de valores, a confrontar através das idades.

Provocam-nos o "quantum mutatis", pela divergência imediata dos algarismos inscritos em suas colunas... E somos sempre insensivelmente levados à noção da relatividade trazida pelas diferenças da capacidade aquisitiva da moeda.

Causaram os campineiros ótima impressão a Luiz d'Alincourt "homens assaz polidos e de agradável trato". Num "distrito essencialmente agrícola era natural que a nata dos habitantes fosse a dos "senhores de engenho", classe principal da terra".

De dois destes fazendeiros guardou o viajante especial recordação: do capitão-mór João Francisco de Andrade "por sua altura e extraordinária gordura, que o privava de montar a cavalo", e de José Rodrigues Ferraz do Amaral "homem sobremaneira inteligente e que, embora auto-didata, possuía "muitos bons princípios de geometria e até alguns de hidráulica".

Acerca deste último reuniu Aron Augusto da Fonseca elementos para lhe escrever umas notas biográficas, como o anunciou, projeto que, contudo, não levou a cabo, embora frisasse quanto lhe era profunda a impressão recebida da tradição oral, referente a uma personalidade de inteligência vivacíssima e desaparecida do mundo na primeira mocidade.

Voltando de Mato Grosso, em 1823, passou d'Alincourt novamente por Campinas e pôde verificar o imenso progresso pela vila realizado no quinquênio. — "Crescera consideravelmente em propriedades e os negócios eram ali grandes. Encontravam-se a cada passo armazéns de tudo quanto se precisasse, algumas lojas de bebidas e já um bilhar. Notavam-se muitas casas acabadas de fresco e outras a construir-se. Trajavam-se os habitantes com muito luxo e gosto em seus vestuários".

Entusiasmado, rematava o engenheiro militar: "Finalmente, já não merece o nome de pequena vila".

Era a mesma ordem de idéias inspiradas a Saint Hilaire que ao ilustre botânico francês haveria de provocar uma série de vaticínios dos mais risenhos acerca do futuro da vila carolina, brevemente uma das mais ricas cidades brasileiras.

O que de Campinas escreveu o grande botânico francês, frequentemente citado, corresponde a uma favorável antecipação de uma era de progresso e alento civilizado realmente notável.

Affonso de E. Taunoy